

Sciacca, homem de confiança

Se há um sentimento que permanece no leitor após a leitura das 142 páginas de Filosofia e antifilosofia, de Michele Federico Sciacca (Editora É Realizações, tradução de Valdemar A. Munaro) este sentimento é o de confiança. Não a imediata confiança em si mesmo, que os manuais de auto-ajuda nos prometem dar de graça após uma hora de dedicação, mas a profunda confiança no homem como ser capaz de buscar e conhecer a Verdade, de situar-se no mundo, de, como disse Julian Márias, poder saber a que se ater. O título do livro diz respeito apenas à primeira das cinco lições que o constituem.

Mas é disso, da diferença entre filosofia e anti-filosofia, que Sciacca fala em todo o volume, apontando a primeira como a busca da arché, do princípio de todas as coisas, e a segunda baseada na doxa, isto

é, na mera opinião.

O livro, como dissemos antes, nos traz uma renovada confiança. E Sciacca prova-se digno de nossa confiança. Briga com todos por nós: com os conservadores e com os liberais, com os capitalistas e com os socialistas, com os tradicionalistas e com os progressistas, ciente de que a Verdade não é redutível a classificações circunstanciais. Como o livro é composto por cinco lições, damos-nos o direito de escolher a nossa preferida. É a quinta: trata-se de uma primorosa exposição sobre as diferenças entre a tradição e o progresso, apontando o que há de

falso nas leituras equivocadas de uma e de outra e finalizando com uma reflexão sobre a maneira de a Igreja (Sciacca é católico) inserir-se no mundo moderno sem sacrificar-se a si mesma.

